

Voz, monotonia e autonomia no ambiente de trabalho de professores

Voice, monotony, and autonomy in teachers' work setting

Voz, monotonía y autonomía en el entorno laboral docente

Maria Antonia Silveira de Oliveira¹ 

Léslie Piccolotto Ferreira² 

Helenice Yemi Nakamura³ 

Ana Carolina Constantini³ 

Resumo

Introdução: a relação entre voz e trabalho é objeto de estudo constante. Ainda não há investigação sobre a relação de monotonia e autonomia com queixas vocais. **Objetivo:** investigar a relação entre a monotonia e a autonomia no ambiente de trabalho com o surgimento de queixas vocais entre professores. **Método:** estudo exploratório, qualitativo e descritivo, realizado a partir de grupo focal considerando o ineditismo da temática do estudo. Dez professores triados em estudo anterior com suspeita de distúrbio de voz pelo Índice de Triagem de Distúrbio de Voz, que indicaram percepção de monotonia e falta de autonomia no ambiente de trabalho por meio do instrumento Condições de Produção Vocal de Professores foram convidados a participar. Sete professores aceitaram e foram conduzidos dois grupos focais. Perguntas disparadoras sobre monotonia e autonomia no ambiente de trabalho foram feitas. Após análise de conteúdo, foram criadas quatro categorias principais e subcategorias de análise. **Resultados:** os participantes debateram questões relacionadas à quebra de expectativas sobre o trabalho, frustrações, rotina e desafios diários. Considerações sobre a voz estavam relacionadas ao uso repetitivo e por longos períodos e ambiente com acústica desfavorável. Queixas como rouquidão e baixa projeção vocal foram citadas. **Conclusão:** monotonia no ambiente de trabalho foi percebida como algo repetitivo e as relações

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC- Campinas, SP, Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, SP, Brasil.

³ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, SP, Brasil.

Contribuição dos autores:

MAS: contribuiu na coleta de dados, esboço do artigo e revisão crítica;

LPF: contribuiu na concepção do estudo, metodologia, coleta de dados, esboço do artigo e orientação;

HYN: contribuiu na concepção do estudo, metodologia, coleta de dados, esboço do artigo e orientação;

ACC: contribuiu na concepção do estudo, metodologia, coleta de dados, esboço do artigo, orientação crítica e orientação.

E-mail para correspondência: ana287@unicamp.br

Recebido: 09/03/2024

Aprovado: 30/05/2024

com o surgimento de queixas vocais podem estar relacionadas a situações de uso da voz de forma intensa e constante. A falta de autonomia parece ocasionar a monotonia e, conseqüentemente, desmotivação, frustração com a carreira e adoecimento, dentre eles, o distúrbio de voz.

Palavras-chave: Docentes; Voz; Distúrbios da Voz; Saúde Ocupacional; Condições de Trabalho; Saúde Mental.

Abstract

Introduction: the relationship between voice and work is the subject of constant study. There is still no investigation into the relationship between monotony and autonomy and vocal complaints. **Objective:** to investigate the relationship between monotony and autonomy in the workplace with the emergence of vocal complaints among teachers. **Method:** exploratory, qualitative and descriptive study, carried out through a focus group considering the novelty of the study theme. Ten teachers screened in a previous study with suspected voice disorders using the Voice Disorder Screening Index, who indicated a perception of monotony and lack of autonomy in the work environment using the Teacher Vocal Production Conditions instrument were invited to participate. Seven teachers accepted and two focus groups were conducted. Triggering questions about monotony and autonomy in the workplace were asked. After content analysis, four main categories and subcategories of analysis were created. **Results:** participants discussed issues related to broken expectations about work, frustrations, routine and daily challenges. Considerations about the voice were related to repetitive use for long periods and an environment with unfavorable acoustics. Complaints such as hoarseness and low vocal projection were cited. **Conclusion:** monotony in the work environment was perceived as something repetitive and the relationship with the emergence of vocal complaints may be related to situations of intense and constant use of the voice. The lack of autonomy seems to cause monotony and, consequently, demotivation, frustration with one's career and illness, including voice disorders.

Keywords: Faculty; Voice; Voice Disorders; Occupational Health; Working Conditions; Mental Health.

Resumen

Introducción: la relación entre voz y trabajo es objeto de constante estudio. Todavía no se ha investigado la relación entre monotonía, autonomía y quejas vocales. **Objetivo:** investigar la relación entre monotonía y autonomía en el lugar de trabajo con la aparición de quejas vocales entre docentes. **Método:** estudio exploratorio, cualitativo y descriptivo, realizado a través de un grupo focal considerando la novedad del tema de estudio. Se invitó a participar a diez docentes evaluados en un estudio previo con sospecha de trastornos de la voz mediante el Voice Disorder Screening Index, que indicaron una percepción de monotonía y falta de autonomía en el ambiente de trabajo utilizando el instrumento Teacher Vocal Production Conditions. Siete profesores aceptaron y se realizaron dos grupos focales. Se formularon preguntas desencadenantes sobre la monotonía y la autonomía en el lugar de trabajo. Luego del análisis de contenido, se crearon cuatro categorías y subcategorías principales de análisis. **Resultados:** los participantes discutieron cuestiones relacionadas con expectativas rotas sobre el trabajo, frustraciones, rutina y desafíos diarios. Las consideraciones sobre la voz estuvieron relacionadas con el uso repetitivo por períodos prolongados y un ambiente con acústica desfavorable. Se citaron quejas como ronquera y baja proyección vocal. **Conclusión:** la monotonía en el ambiente laboral fue percibida como algo repetitivo y la relación con la aparición de quejas vocales puede estar relacionada con situaciones de uso intenso y constante de la voz. La falta de autonomía parece provocar monotonía y, en consecuencia, desmotivación, frustración con la propia carrera y enfermedades, incluidos trastornos de la voz.

Palabras clave: Docentes; Voz; Trastornos de la Voz; Salud Laboral; Condiciones de Trabajo; Salud Mental.

Introdução

A voz é essencial para o desenvolvimento de diversas profissões, como no caso de cantores, líderes religiosos, apresentadores e professores. Aproximadamente um terço dos trabalhadores consideram a voz como sua ferramenta de trabalho principal, sendo esses chamados de profissionais da voz¹.

Apesar de presente no cotidiano profissional e estudado há muito tempo por profissionais da saúde como otorrinolaringologistas e fonoaudiólogos, no Brasil, o Distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho (DVRT) foi reconhecido pelo Ministério da Saúde apenas em 2018, sendo incluído na lista de doenças ocupacionais do Ministério da Saúde em 2020². Entretanto, essa lista foi revogada na sequência de sua publicação e diversas entidades lutaram pela manutenção dos avanços obtidos com a publicação da lista de agravos. Recentemente, por meio da Portaria GM/MS nº 1.999, de 27 de novembro de 2023 a lista foi mais uma vez atualizada, incluindo, novamente, os distúrbios vocais de origem ocupacional na lista de doenças relacionadas ao trabalho, o que representa um avanço nesta área³.

De acordo com o Protocolo DVRT - Distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho, o uso da voz associado a fatores de risco, como as condições ambientais (presença de ruído e ventilação inadequada) e organizacionais do trabalho (longas jornadas, falta de pausas para descanso), são considerados agravantes e causadores para a condição².

Mesmo antes da publicação do protocolo do Ministério da Saúde, no Brasil, os professores têm sido objeto de estudo de diversas pesquisas sobre distúrbios de voz de origem ocupacional. Um terço de 6.510 professores relatou limitação no trabalho ocasionada por distúrbios vocais no estudo realizado por Santos⁴. Uma recente metanálise indicou que ser professor aumenta as chances de DVRT diagnosticado por meio de julgamento perceptivo-auditivo e por exame laríngeo⁵.

Algumas pesquisas destacam os fatores de risco presentes no ambiente do trabalho dos professores, em especial o ruído em sala de aula ou externa a ela, e de organização do trabalho, como excesso de trabalho ou presença de violência⁶.

Ainda assim, condições e aspectos que fazem parte da organização do trabalho desta população, como a monotonia do ambiente de trabalho e a

autonomia do docente não foram exploradas em publicações sobre o assunto até o presente momento.

Em estudos anteriores houve referência por parte dos professores entrevistados à percepção de trabalho monótono e sobre a autonomia na carreira docente, o que despertou interesse em relacionar tais aspectos com o desenvolvimento de problemas vocais entre educadores⁷.

Desta forma, o presente estudo inova ao trazer à tona mais um elemento que pode ter relação com a complexidade do distúrbio de voz em professores. O objetivo deste estudo foi investigar a relação entre a percepção de monotonia e autonomia no ambiente de trabalho com o surgimento de queixas vocais entre professores.

Método

Estudo de caráter exploratório, qualitativo e descritivo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas sob número 4.429.443. Todos os participantes receberam esclarecimentos sobre os procedimentos do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A primeira etapa do estudo constitui-se, portanto, da condução de um grupo focal, uma técnica de coleta de dados qualitativos baseados no diálogo e construção coletiva que parte das experiências dos participantes, tendo como objetivo a coleta de hipóteses sobre o tema pela visão dos integrantes do grupo⁸. Esta escolha metodológica justifica-se pela ausência de literatura anterior que relatasse a relação entre distúrbios de voz e os aspectos organizacionais que se pretendia estudar nesta pesquisa, a saber autonomia do docente e monotonia no ambiente de trabalho⁹.

Para constituição do grupo focal foram convidados a compor a amostra 10 professores da rede municipal da cidade de Campinas, anteriormente triados com suspeita de distúrbio de voz por meio do Índice de Triagem de Distúrbio de Voz – ITDV e que fizeram referência positiva a percepção de trabalho monótono na aplicação do CPV-P^{10,11}. Foram obtidas sete respostas positivas ao convite realizado, que constituíram o total da amostra da pesquisa. Os critérios de inclusão dos sujeitos foram a participação no estudo anterior⁷ e disponibilidade de horário para participação.

Considerando a situação de pandemia de COVID-19, o grupo foi realizado por meio de video-

conferência no mês de março de 2021, divididos em dois grupos; cada encontro durou 60 minutos. Todos os encontros foram mediados pelas autoras do estudo. Com a autorização dos participantes, o conteúdo dos encontros foi gravado e transcrito na íntegra. Ao início do encontro, os participantes foram informados que a temática seria a monotonia e autonomia, considerando as respostas prévias deles ao protocolo anteriormente aplicado.

As perguntas disparadoras foram: “*o que faz vocês interpretarem o trabalho de vocês como um trabalho monótono ou não monótono?*”, “*o que faz vocês interpretarem o trabalho de vocês como um ambiente que propicia a autonomia ou não entre os trabalhadores?*” e “*para vocês, essas variantes (monotonia e autonomia) têm relação com as queixas vocais? Por quê?*”. Como condutoras do grupo focal, a equipe de pesquisadoras guiou e mediou a discussão entre os participantes a partir das respostas que foram dadas por eles.

A análise dos discursos foi realizada utilizando a técnica de análise de conteúdo temático-categorial. De acordo com Minayo (2001), a técnica citada possibilita “*descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado*”¹². O conteúdo obtido durante as entrevistas foi desmembrado em categorias,

analisado e suas repetições foram observadas e estão apresentadas na seção Resultados.

Na primeira fase da análise houve a preparação do corpus, com a transcrição das falas dos participantes utilizando o site Transcribe, que permite controlar a velocidade de reprodução do vídeo, facilitando o processo de escrita e divisão dos discursos entre os sujeitos. Na segunda fase, o material coletado foi explorado por meio da leitura das transcrições feitas por todas as pesquisadoras e iniciou-se a formação das categorias de análise com base nas temáticas mais citadas pelos participantes. Por fim, todas as falas coletadas foram categorizadas e seus núcleos de sentido foram comparados com achados da literatura. Todas estas etapas foram realizadas em conjunto pelas autoras do estudo.

Com o intuito de preservar a identidade dos integrantes da pesquisa, os entrevistados serão identificados como SX, com X variando entre 1 e 7 para cada professor participante. Participaram 4 mulheres e 3 homens, com idades entre 39 e 55 anos, com média de tempo de carreira docente de 18 anos, com mínimo de 10 e máximo de 34 anos de experiência. Todos os professores exerciam atividade no ensino infantil e/ou fundamental.

O Quadro 1 traz informações sobre os participantes e a subdivisão dos grupos, constituídos de acordo com a disponibilidade em comum dos participantes em participar da pesquisa.

Quadro 1. Caracterização da amostra

Grupo 1	Grupo 2
S1, mulher, 44 anos, professora de ensino infantil e fundamental	S5, mulher, 53 anos, professora de ensino infantil e fundamental
S2, homem, 39 anos, professor de ensino fundamental I	S6, mulher, 43 anos, professora dos anos finais do ensino fundamental (8º e 9º ano)
S3, homem, 55 anos, professor de ensino fundamental há mais de 30 anos com formação em educação física	S7, mulher, 41 anos, coordenadora pedagógica com experiência docente
S4, homem, 39 anos, professor de ensino fundamental com formação em educação física	

Dois participantes exerciam outras atividades, além da docência, que demandavam o uso vocal: S3 é advogado e S4, cantor. A participante S7 não estava ministrando aulas no momento da realização do estudo e, sim, em cargo de gestão (coordenação pedagógica). Considerando a resposta positiva ao estudo prévio, sua experiência docente e histórico

obtido pela triagem, a participante foi mantida no estudo.

Foram selecionados trechos de falas coletadas para exemplificar cada categoria e subcategoria criadas para análise, acompanhados pela identificação do sujeito. As categorias e as divisões em subcategorias estão descritas no Quadro 2.

Quadro 2. Categorias e subcategorias de análise estabelecidas a partir da transcrição do grupo focal

Categorias	Subcategorias
Monotonia	<ul style="list-style-type: none"> Definições Subjetividade
Autonomia	<ul style="list-style-type: none"> Definições Subjetividade Autocrítica
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> Expectativas Frustrações Gênero Barreiras e facilitadores Rotineiro e não rotineiro Organização do trabalho
Relação trabalho e voz	Não há subcategoria

Resultados

Os resultados serão apresentados considerando falas representativas que ilustram as categorias e subcategorias apresentadas no Quadro 2.

Categoria: Monotonia

Definições

Ambos os grupos foram convidados a tentar definir o que é monotonia, sem pesquisar em nenhum local como dicionário ou internet.

“Monótono a imagem que vem na minha cabeça é aquela pessoa arrastando os pés, sabe? Que não consegue, que é algo pesado, que não flui e é difícil, é algo monótono.” S6

“A monotonia está relacionada a uma rotina maçante que traz estresse por ser exaustiva, então eu pensei nesse sentido.” S7

Subjetividade

Alguns participantes levantaram maiores explicações sobre a sua visão de monotonia.

“Eu acho que é um conjunto de situações que nos leva a determinados momentos que faz você sentir monótono ou agir de forma monótona.” S3

“A nossa profissão não é monótona, mas dentro da nossa profissão existem, não sei se atividades seria a palavra, monótonas. Dentro da minha profissão como professora dos pequenos eu vou ter dentro dela atividades monótonas e isso não significa que o dia inteiro foi monótono e que a profissão seja monótona.” S5

Categoria: Autonomia

Definições

Assim como a monotonia, foi solicitado que os professores definissem o que é autonomia.

“A autonomia é quando você tem a segurança de que você pode mudar ‘eu posso mudar que não vai dar B.O.’ ou ‘não vou fazer assim, vou fazer assado e eu sei que posso, tenho segurança para’.” S5

Subjetividade

Quando solicitado que definissem os termos, alguns participantes falaram um pouco mais sobre a subjetividade do conceito.

“Nós temos aqui a autonomia, temos os conteúdos e objetivos a seguir, nós temos um arcabouço que delimita de certa forma nosso trabalho, mas a gente coloca o nosso tempero.” S3

Autocrítica

Durante a tentativa de definição da palavra autonomia, o participante S4 levantou uma auto-crítica que foi recebida com concordância pelos demais participantes.

“Cabe aqui para mim a crítica, eu próprio me critico que às vezes eu deixo de usar essa autonomia e vou caindo na rotina e fortalecendo a monotonia. Por exemplo, eu posso levar meus alunos para fazer uma leitura debaixo da árvore, isso é uma coisa autônoma, que quebra a rotina. Mas às vezes penso “nossa, vou ter que levar a turma inteira, descer pela escada, passar pelos corredores, eles vão correr na frente, podem cair”, então você acaba desanimando e fazendo a rotina. A gente também contribui um pouco com a monotonia.” S2

Categoria: Trabalho

Expectativas

A quebra de expectativas da carreira docente foi pauta de discussão para o G1. Para os professores que têm formação em Educação Física, o curso de base deixou a desejar no momento em que não considera a realidade de uma sala de aula, o que pode ter sido a causa de frustração. Por outro lado, a participante S1, pedagoga de formação, relata opinião contrária.

“Desde quando saímos da faculdade, a gente vai tentar aplicar aquilo que aprendeu e descobre que não é bem aquilo, vai se construir como professor, é uma frustração que a gente tem.” S4

“Eu estudei pra isso, então já imaginava como seria a rotina, pode ser que seja isso também. Pra mim não teve muita surpresa, eu já imaginava o que estava me esperando.” S1

Frustrações

O G1 também relatou sobre as frustrações da profissão, relacionadas à monotonia do ambiente. Para o participante S4, outras atividades que também demandam longos períodos do seu dia (no caso, andar de bicicleta), assim como a escola, não o frustram, mas também não têm garantia de retorno financeiro, o que o mantém na profissão de professor apesar da frustração envolvida.

“Na bicicleta eu simplesmente não sou frustrado. Eu faço, gosto, fico lá 4/5/6 horas, tanto faz a quantidade de horas, mas eu estou lá porque eu não fico frustrado, já na escola eu fico muito. [...] “Ou eu dou aula e ganho dinheiro ou vou fazer algo que eu gosto e não me dá dinheiro, mas que eu tenho uma facilidade?” S4

Rotineiro e não rotineiro

Para ambos os grupos, a repetição de tarefas por longos períodos de carreira docente, no mesmo local e seguindo o mesmo sistema de horários, regras e conteúdo, torna o dia a dia monótono.

“[...] ser algo rotineiro, algo de todo dia ser a mesma coisa, uma rotina escolar que muitas vezes acaba sendo uma rotina engessada, dependendo de diversas situações.” S7

Gênero

O G1 levantou hipóteses sobre a existência de uma relação entre gênero e trabalho. Para eles,

a monotonia está presente no trabalho de homens e mulheres, mas algumas profissões, como de pedagogo, são vistas como “profissões femininas”. O G2, composto somente por mulheres, não fez referência a questões de gênero durante o encontro.

“Eu lembro que tinha um colega que queria pedagogia quando a gente fazia cursinho e todo mundo caiu de pau nele ‘pô, você vai fazer pedagogia?’. [...] ‘tem que ser engenheiro’, ‘tem que ser médico’, ‘tem que ser advogado’ e se não fosse isso parece que não tinha um respaldo social.” S3

Barreiras e facilitadores

Diversas barreiras foram levantadas por ambos os grupos, como a violência, dificuldades na arquitetura escolar e a própria voz, além da falta de interesse dos alunos.

“Lá tem uma particularidade, a quadra de educação física é um ginásio, então a acústica é horrível. [...] é muito barulho, impossível de dar aula quando estamos na parte prática, a não ser que todo mundo pare e olhe pra você, com eles fazendo inclusive leitura labial para entender.” S6

“Por exemplo, eu trabalho há 29 anos nessa escola, na escola não tem um espaço para você trabalhar educação física [...] antes a gente trabalhava no bosque, era lá do lado, que agora virou o território de gangues, milícias. Dentro da escola você não tem aquelas condições de trabalho, a questão dos espaços, de repente uma sala ambiente para você trabalhar, então tem essa questão do desgaste físico da gente que trabalha com educação física.” S3

Para os professores, a presença dos alunos e a troca de energia entre docentes e discentes renova a monotonia das atividades, facilitando o dia a dia de trabalho.

“Eu acho que a escola é, apesar de ter essa regra, essa regularidade, ser tudo muito parecido, eu acho que cada criança e cada pessoa que a gente convive traz uma energia nova, né? Então deixa de ser monótono. Então na escola, como tem essa troca muito grande entre os professores e cada criança, que cada vez traz alguma coisa diferente para gente, deixa de ser monótono, eu acho isso.” S1

Organização do trabalho

Para os professores, a estrutura de organização escolar, que segue sempre os mesmos horários, regras e temáticas, faz com que o dia na escola se

torne monótono. A referência a horários e rotina foi muito presente em ambos os encontros.

“Apesar de serem crianças diferentes com a mudança dos anos, às vezes professores e escolas diferentes, é o mesmo sistema, entra tal horário e sai tal horário, o mesmo tanto de aulas e conteúdo. Acaba, conforme vai passando o tempo, tornando-se monótono, bem chato e repetitivo mesmo.” S4

Categoria: Relação trabalho e voz

Os grupos foram instigados a tentar relacionar tudo que foi discutido sobre a rotina de trabalho com o desenvolvimento de suas queixas vocais. Para ambos, a repetição de atividades, somada a fatores como projeção vocal e cargas excessivas de trabalho levam a problemas vocais.

“No meu caso, eu acho que eu tenho tom de voz baixo e aí para dar ordem, comandos, para explicar, fazer leitura para uma sala de 30 (alunos) eu preciso trabalhar num tom mais alto do que o meu normal e a voz vai cansando. Daí no caso tem a ver com a rotina, né? [...] Eu fico “ô, pessoal”, “psiu”, “aqui”, “presta atenção”. Nesse sentido direto eu tenho que trabalhar com tom mais alto que o meu e aí que eu acho que eu começo a sentir cansação na voz e isso tem a ver com a monotonia, né? S2

“Eu pensei quando eu dobrava período, trabalhava em duas escolas e tinha que ficar poupando a voz para não ficar gastando muito, com medo de não chegar no final do dia, de ficar muito cansada. [...] Por exemplo, sexta-feira eu estava muito cansada e também não conseguia conversar muito com as pessoas que eu queria depois do trabalho, isso daí é a parte ruim.” S1

Discussão

Os distúrbios de voz são, reconhecidamente, multifatoriais, podendo estar relacionados às características do indivíduo, do ambiente e da organização do trabalho. Todos os participantes deste estudo foram triados com suspeita de distúrbio de voz e fizeram menção à percepção de trabalho monótono no desenvolvimento de sua profissão. Até este momento, não foram encontrados estudos que relacionam a monotonia do trabalho com o desenvolvimento de distúrbios da voz.

Monotonia pode ser definida como “*falta de variedade*”¹³ e as definições apresentadas pelos participantes do estudo vão ao encontro da defi-

nição formal da palavra, com a adição de exemplos práticos sobre o dia a dia de trabalho, como a regularidade de horários de entrada e saída e conteúdos didáticos apresentados em sala de aula. Ao mesmo tempo, os participantes citam outras atividades cotidianas, relacionadas ao lazer, que podem ser consideradas repetitivas (mesmo local, mesma duração, mesma ação) que não são vistas como monótonas e não geram a frustração que o trabalho na educação gera.

A relação entre voz e monotonia no ambiente de trabalho, na visão dos participantes ficou evidenciada com as atividades repetitivas como chamar constantemente a atenção dos alunos, que exigem o uso vocal intenso, reconhecidamente um fator causal de distúrbio de voz¹⁴. Quando se reflete sobre essas atividades, percebe-se que estão relacionadas à desvalorização da profissão docente, com o pouco reconhecimento da sociedade e dos próprios alunos, além da violência no ambiente escolar. Estes fatores foram citados em trabalhos anteriores¹⁵⁻¹⁷. As falas dos participantes indicam que o ambiente de trabalho precisa ser favorável a um uso de voz adequado para que se possa minimizar a exposição desses trabalhadores a um distúrbio de voz. Além disso, pode-se hipotetizar que a realização de tarefas que são consideradas monótonas podem gerar quadros de fadiga, tensão e deterioração de saúde mental e ocasionam o aparecimento de queixas vocais e de um consequente distúrbio de voz.

A análise do discurso dos participantes sobre o que entendem por autonomia e como este conceito está relacionado ao seu trabalho mostrou que a falta de autonomia pode ocasionar a monotonia. Situações relacionadas à organização do trabalho, como a dificuldade de inovar nas atividades, seja por necessidade de seguir um padrão ou por dificuldades operacionais, geralmente, faz com que os participantes se sintam com pouca autonomia e digam que isso gera a monotonia que percebem.

Os fatores organizacionais do trabalho e as relações interpessoais também foram descritos na literatura como importantes fatores causadores ou mantenedores de um distúrbio de voz¹⁸. A autonomia e a consequente monotonia são exemplos desses fatores e parecem compor a complexidade dos aspectos que envolvem o aparecimento de um distúrbio de voz.

O adoecimento dos trabalhadores não ocorre por uma única via, mas sim por múltiplos fatores e



podem, diversas vezes, apresentar simultaneidade entre o psíquico e o corporal¹⁹.

Dois participantes do sexo masculino eram professores de educação física e este fato pode ter aumentado suas percepções de monotonia no grupo estudado. A hipótese para este achado é que os professores de educação física fora do âmbito escolar costumam ter uma rotina mais dinâmica, com variações de esportes, treinos e ambientes (academias, complexos de treinamento, ginásios, atividades ao ar livre, centros de reabilitação e outros), enquanto no ambiente escolar as atividades ficam muitas vezes limitadas a sala de aula e quadra - caso esse espaço seja disponível, uma vez que algumas instituições não contam com a infraestrutura adequada.

Além disso, a realização das atividades de uso vocal em áreas abertas como as quadras, ou com acústica ruim, como os ginásios, contribuem para o aparecimento de queixas vocais. Soma-se a isso o fato de que um desses participantes relata frustração com a carreira de professor de ensino fundamental. Nesses relatos, é possível perceber uma combinação de fatores ambientais desfavoráveis, somado a questões subjetivas e particulares de cada um²⁰.

A arquitetura escolar é um tópico extensivamente estudado ao longo do mundo e sabe-se que inadequações no projeto arquitetônico relacionadas ao ambiente podem levar a uma série de barreiras e queixas de saúde, incluindo, queixas vocais e auditivas, dificuldade de mobilidade no ambiente, entre outras²¹. Na fala dos participantes S3 e S6 essas situações ficam evidentes. Assim, soma-se este fator na construção da complexidade do que se vivencia como monotonia e falta de autonomia no ambiente escolar.

Uma participante estava exercendo funções administrativas no momento da realização do grupo focal, o que pode diferenciar as demandas vocais destas participantes naquele momento, no entanto, suas falas indicaram a percepção da rotina escolar como algo “engessado”.

Os professores do estudo apontaram outras diversas condições que comprometem a sua saúde, como a violência nas escolas, falta de momentos de descanso, problemas familiares e acústica inadequada da sala de aula, o que reflete a complexidade do problema e da consideração de diversos aspectos que levam ao seu adoecimento.

O trabalho do fonoaudiólogo na saúde do trabalhador visa analisar as condições de trabalho,

com olhar para além do ambiente ocupacional. É importante também compreender a vida do trabalhador fora do seu expediente, analisando seus anseios, angústias, frustrações e vivências. Na atuação em saúde do trabalhador, o fonoaudiólogo pode participar do levantamento de como questões organizacionais e de ambiente podem estar contribuindo para o aparecimento de queixas relacionadas à comunicação nos trabalhadores do local e atuar nesta questão, por meio da proposição de ações simples que possam ser resolvidas na própria escola ou mais complexas, que podem necessitar de ações das secretarias municipais de educação, por exemplo²¹.

Assim como todo estudo, este também apresenta limitações. Apesar de os participantes terem respondido ao questionário que identificou a percepção de monotonia e falta de autonomia no desenvolver de suas profissões antes da pandemia, a realização do grupo focal ocorreu durante o período de pandemia, que afetou diretamente muitas organizações de trabalho, em especial, das profissões ligadas ao ensino. Este fato pode ter favorecido o aumento da percepção das dificuldades citadas pelos participantes no momento da pesquisa.

Conclusão

A monotonia é entendida pelos participantes como algo repetitivo e sua relação com as queixas vocais pode estar relacionada a situações de uso da voz de forma intensa e constante em suas rotinas como docentes. A falta de autonomia parece ser um fator que pode ocasionar a monotonia e, consequentemente, desmotivação, frustração com a carreira e adoecimento, dentre eles, o distúrbio de voz.

A inserção desses aspectos organizacionais do trabalho, não tão investigados anteriormente, durante a avaliação do trabalho docente, pode facilitar a percepção de fatores que contribuem para o surgimento e permanência de problemas vocais.

Referências

1. Jones K, Sigmon J, Hock L, Nelson E, Sullivan M, Ogren F. Prevalence and risk factors for voice problems among telemarketers. *Arch Otolaryngol Head Neck Surg* [Internet]. 2002 [acesso em 2023 Mar 29];128(5): 571-7. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1001/archotol.128.5.571>.



2. Silva-Junior JS, Bandini M, Baêta KF, Dias EC. Atualização 2020 da Lista de Doenças Relacionadas ao Trabalho no Brasil. *Rev Bras Saúde Ocup* [Internet]. 2022 [acesso em 2023 Mar 29]; 47: e11. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369/34220PT2022v47e11>.
3. Masson ML, Ferreira LP, Maeno M. Distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho: um olhar sobre o passado, o presente e o futuro. *Rev. Bras. Saúde Ocup.* [Internet]. 2024 [acesso em 2024 Apr 24]; 49: edcinq. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369/39622pt2024v49edcinq9>.
4. Santos SM, Maia EG, Claro RM, Medeiros AM. Limitação do uso da voz na docência e a prática de atividade física no lazer: Estudo Educatel, Brasil, 2015/2016. *Cad. Saúde Pública* [Internet]. 2019 [acesso em 2024 Apr 24]; 35: e00188317. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00188317>.
5. Oliveira P, Ribeiro VV, Constantini AC, Cavalcante MB, Sousa MS, Silva K. Prevalence of work-related voice disorders in voice professionals: systematic review and meta-analysis. *J Voice* [Internet]. In Press [acesso em 2023 Apr 20]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jvoice.2022.07.030>.
6. Valente AM, Botelho C, Silva AM. Distúrbio de voz e fatores associados em professores da rede pública. *Rev. Bras. Saúde Ocup.* [Internet]. 2015 [acesso em 2024 April 22]; 40(132): 183-195. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0303-7657000093814>.
7. Constantini AC, Nakamura HY, Ferreira LP, editors. *Distúrbio de voz e as relações de trabalho em professores da rede pública. Proceedings of the 10th Congresso Internacional de Fonoaudiologia*; 2019 Oct 09-12; Belo Horizonte, BR. São Paulo (SP): Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2019.
8. Iervolino SA, Pelicioni MF. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Rev Esc Enf USP* [Internet]. 2001 [acesso em 2023 April 12]; 35(2): 115-21. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342001000200004>.
9. Corrêa AC, Oliveira GS, Oliveira AC. O grupo focal na pesquisa científica de natureza qualitativa. In: Santos AO, Oliveira GS, Rodrigues MC, organizators. *Metodologias, técnicas e estratégias de pesquisa: estudos introdutórios 4* [Internet]. Uberlândia (MG): Fucamp; 2022 [acesso em 2023 Apr 12]. p. 41-54. Disponível em: <https://www.unifucamp.edu.br/wp-content/uploads/2022/04/LIVRO-18-Met-Tec-e-Estrat-de-Pesq-est-introd-4.pdf#page=42>.
10. Ghirardi AM, Ferreira LP, Giannini SP, Latorre MO. Screening index for voice disorder (SIVD): development and validation. *J Voice* [Internet]. 2013 [acesso em 2023 Apr 12]; 27(2):195-200. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jvoice.2012.11.004>.
11. Ferreira LP, Giannini SP, Latorre MO, Zenari MS. Distúrbio de voz relacionado ao trabalho: proposta de um instrumento para avaliação de professores. *Distúrb Comun* [Internet]. 2007 [acesso em 2023 Apr 12]; 19(1):127-36. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/11884>.
12. Minayo MS. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Minayo MS, Deslandes SF, Cruz Neto O, Gomes R, organizators. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª ed. [Internet]. Petrópolis (RJ): Vozes; 2002 [acesso em 2023 Apr 15]: 9-29. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>.
13. Cambridge University. *Monotonia* in Cambridge Dictionary [homepage na Internet]. Cambridge: Cambridge University Press & Assessment; c2023 [acesso em 2023 Apr 20]; [about 1 screen]. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/portugues-ingles/monotonia>.
14. Mendes AL, Lucena BT, Araújo AM, Melo LP, Lopes LW, Silva MF. Voz do professor: sintomas de desconforto do trato vocal, intensidade vocal e ruído em sala de aula. *CoDAS* [Internet]. 2016 [acesso em 2024 Apr 24]; 28(2):168-75. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20162015027>.
15. Cruz RM, Lemos JC. Atividade docente, condições de trabalho e processos de saúde. *R Motriviv* [Internet]. 2005 [acesso em 2023 April 21]; 24: 59-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/742>.
16. Facci MD. O adoecimento do professor frente à violência na escola. *Fractal Rev Psicol* [Internet]. 2019 [acesso em 2023 Apr 21]; 31(2): 130-42. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5647>.
17. Giannini SP, Latorre MR, Ferreira LP. Distúrbio de voz e estresse no trabalho docente: um estudo caso-controle. *Cad. Saúde Pública* [Internet]. 2012 [acesso em 2024 Apr 23]; 28(11): 2115-2124. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2012001100011>.
18. Santana ER, Araújo TM, Masson ML. Autopercepção do efeito da hidratação direta na qualidade vocal de professores: um estudo de intervenção. *Rev. CEFAC* [Internet]. 2018 [acesso em 2024 Apr 23]; 20(6): 761-769. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-021620182068418>.
19. Salerno VL, Silvestre, Sabino MO. Interfaces LER/saúde mental: a experiência de um Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do estado de São Paulo. *Rev Bras Saúde Ocup* [Internet]. 2011 [acesso em 2023 Apr 27]; 36(123):128-38. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0303-76572011000100012>.
20. Seligmann-Silva E. Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo (SP): Cortez; 2011.
21. Nakamura HY, Souza TM, Constantini AC, Maiorino AV. Relação entre Voz e Ambiente. In: Siqueira MC, Ferreira LP, Brasolotto AG, Santos RS, organizators. *Fonoaudiólogo: o que fazer com a voz do professor?* [Internet]. Curitiba (PR): Universidade Tuiuti do Paraná; 2021 [acesso em 2023 Apr 28]. p. 135-48. Disponível em: https://www.sbfa.org.br/portal2017/themes/2017/departamentos/artigos/materiais_37.pdf.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.